



## EXPORTAÇÕES — INDISPENSÁVEIS AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

*O comércio exterior de qualquer país transforma-se no curso de um processo de desenvolvimento econômico. À medida que se altera a composição dos custos e dos gastos dos consumidores, nota-se correspondente modificação na estrutura das exportações e das importações, com o aparecimento de novos produtos, tanto de um lado como de outro da balança comercial. Igualmente, o comércio exterior acompanhará, com maior ou menor demora, a expansão do volume da produção interna, dependendo da extensão da área territorial do país e da maior ou menor integração econômica existente entre as suas várias regiões.*

Quaisquer que sejam, no entanto, os padrões dessa evolução, o certo é que o volume tanto das exportações como das importações deve crescer em ritmo semelhante, pois em essência as importações se pagam com as exportações. Durante certos períodos, as variações nos preços dos produtos importados e exportados (relações de troca) e os movimentos de capitais estrangeiros podem permitir divergências entre a tendência do volume das exportações e das importações. Durante períodos mais longos, porém, esses fatores se compensam.

Tudo isso depende, todavia, de um mínimo de equilíbrio no funcionamento do sistema econômico. Em caso contrário, dá-se o que os

economistas convencionaram chamar de “desequilíbrio fundamental” do balanço de pagamentos e que resulta de um estímulo exagerado às importações, acompanhado de verdadeiro desencorajamento das exportações. A não ser que ocorra paralelamente excepcional melhora das relações de trocas — elevando-se os preços de exportação relativamente aos de importação — a crise cambial se torna insustentável até forçar uma completa modificação estrutural do sistema econômico.

### O CASO BRASILEIRO

Se compararmos o crescimento da produção nacional com o com-



portamento das exportações e das importações, desde 1939, eliminando a influência dos preços, sem o que estaria prejudicada aquela comparação, dada a falta de homogeneidade de seu comportamento nos 3 elementos citados, teremos uma idéia da gravidade do "desequilíbrio fundamental" que caracteriza o sistema econômico nacional. No quinquênio 1939/43 exportávamos 15,1% da produção nacional, ao passo que hoje só conseguimos 7,4% (quadriênio 1954/57).

Da mesma forma, as importações passaram de 9,9% para 12,7% nos dois períodos considerados, não obstante a modificação do regime cambial a partir de 1953 (ver QUADRO I).

Outra maneira de aquilatar o desequilíbrio que se faz sentir em nosso intercâmbio comercial com o exterior é através dos índices de quantum. Os dados constantes do QUADRO II indicam que o quantum (volume físico estimado) das exportações decresceu desde 1940,

I - PRODUÇÃO NACIONAL E COMÉRCIO EXTERIOR - 1939/1957  
(Bilhões de cruzeiros de 1952)

ANOS	PRODUTO TERRITORIAL	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		MÉDIAS ANUAIS (%)	
		Valores absolutos	% do Produto Territorial	Valores absolutos	% do Produto Territorial	Exportações/Produto Territorial	Importações/Produto Territorial
1939.....	200,3	39,4	19,7	23,6	11,8	15,1	9,9
1940.....	200,3	32,5	16,2	20,8	10,3		
1941.....	210,0	25,7	12,2	21,4	10,2		
1942.....	203,5	28,1	13,8	16,1	7,9		
1943.....	209,0	28,9	13,8	19,2	9,2		
1944.....	219,4	31,7	14,4	23,4	10,7	14,6	11,8
1945.....	234,6	34,1	14,5	23,8	10,1		
1946.....	257,7	42,2	16,4	26,7	10,4		
1947.....	278,3	39,8	14,3	40,9	14,6		
1948.....	294,1	40,1	13,6	36,9	12,5		
1949.....	302,1	36,9	11,9	39,3	13,0	9,3	13,6
1950.....	324,1	31,7	9,8	32,1	13,3		
1951.....	346,5	34,9	10,1	61,3	17,7		
1952.....	360,9	26,1	7,2	55,0	15,2		
1953.....	376,1	30,9	8,2	44,8	11,9		
1954.....	409,2	29,0	7,1	55,0	13,4	7,4	12,7
1955.....	423,9	32,9	7,8	53,5	12,6		
1956.....	438,2	34,1	7,8	54,6	12,5		
1957(1)...	462,7	31,7	6,9	57,9	12,5		

(1) Dados sujeitos a retificação.

Fonte: Conselho Nacional de Economia - Exposição Geral da Situação Econômica do Brasil - 1957, anexo E.



II - PRODUTO REAL E QUANTUM DO COMÉRCIO EXTERIOR  
Índice com base 1948 = 100

ANOS	PRODUTO REAL	QUANTUM DAS EXPORTAÇÕES		QUANTUM DAS IMPORTAÇÕES		MÉDIAS ANUAIS	
		Índice	$\frac{b}{a} \times 100$	Índice	$\frac{d}{a} \times 100$	Das relações da coluna (c)	Das relações da coluna (e)
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)
1947.....	94,1	97	103,1	110	116,9	74,9	125,1
1948.....	100,0	100	100,0	100	100,0		
1949.....	104,4	90	86,2	115	110,2		
1950.....	111,5	78	70,0	140	125,6		
1951.....	118,4	82	69,3	173	146,1		
1952.....	125,6	66	52,5	158	125,8	55,1	100,6
1953.....	128,7	74	57,5	164	127,4		
1954.....	138,8	84	60,5	207	149,1		
1955.....	144,5	82	56,7	145	100,3		
1956.....	149,0	85	57,0	148	99,3		
1957.....	153,4	79	51,5	157	102,3		

Fonte: Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas.

enquanto o das importações apresentou tendência bem ascendente, superando o aumento do produto real interno até 1954, para nos três últimos anos (1955, 1956 e 1957) igualar-se praticamente com êle, em virtude da contenção observada nas importações, por via do sistema cambial vigente desde fins de 1953.

Esse processo só foi possível porque houve, no período (principalmente após 1950), grande elevação nos preços em dólares do café. Tal fato compensou de sobejo a queda do *quantum* das exportações; com efeito, o valor do total das exportações em dólares cresceu significativamente no último decênio (QUADRO III). Esse crescimento é que permitiu, basicamente, a expansão quase simultânea do valor em dólares das im-

portações, ou seja, do volume destas, de vez que o seu preço teve comportamento favorável no período.

Observa-se ainda pelo QUADRO III que o incremento do produto real (volume físico da produção) foi quase paralelo ao do valor em dólares das exportações e importações, superando-o ligeiramente (ver colunas f e g). De 1955 em diante, porém, o produto real subiu mais rapidamente do que o valor em dólares das exportações. Não obstante o fato de grande parte das importações de bens de capitais terem sido financiadas com capitais estrangeiros a partir de 1956, como o valor em dólares das exportações começou a cair a partir de 1955, iniciou-se forte tendência no sentido do desequilíbrio do balanço de pagamentos naquele



ano. Parece não ser mais possível ao produto real continuar a crescer nos próximos anos em ritmo mais acentuado do que o *quantum* e o valor em dólares das exportações, pois o processo de desenvolvimento industrial exige crescentes importações de equipamentos, matérias-primas e combustíveis. Como, entretanto, o crescimento do valor em dólares das importações depende basicamente do aumento do valor em dólares das exportações, vê-se que o incremento do produto real está na estreita dependência do aumento do *quantum* das exportações e dos seus preços.

Daí a ênfase que as atuais autoridades do país têm dado ao problema das exportações, pois sua solução é fundamental à continuação do nosso processo de desenvolvimento econômico.

## A POLÍTICA DE EXPORTAÇÃO NO ÚLTIMO DECÊNIO

A política de exportação do Brasil nos últimos 10 anos girou em torno do café. A idéia predominante na política do café foi o uso de uma condição de mercado — a posição dominante do Brasil — para melhorar os termos de intercâmbio do país. Até 1953, não obstante a contínua desvalorização monetária interna (o índice do custo da vida no D. Federal, com base 100 em 1948, alcançou 172 em 1953), a taxa cambial aplicada às exportações de café não se alterou, mantendo-se no nível de Cr\$ 18,50 por dólar. Desde 1947, no entanto, a procura de café nos Estados Unidos, Canadá e outros países vinha apresentando persistente tendência ascensional. Os estoques acumulados contribuíram para

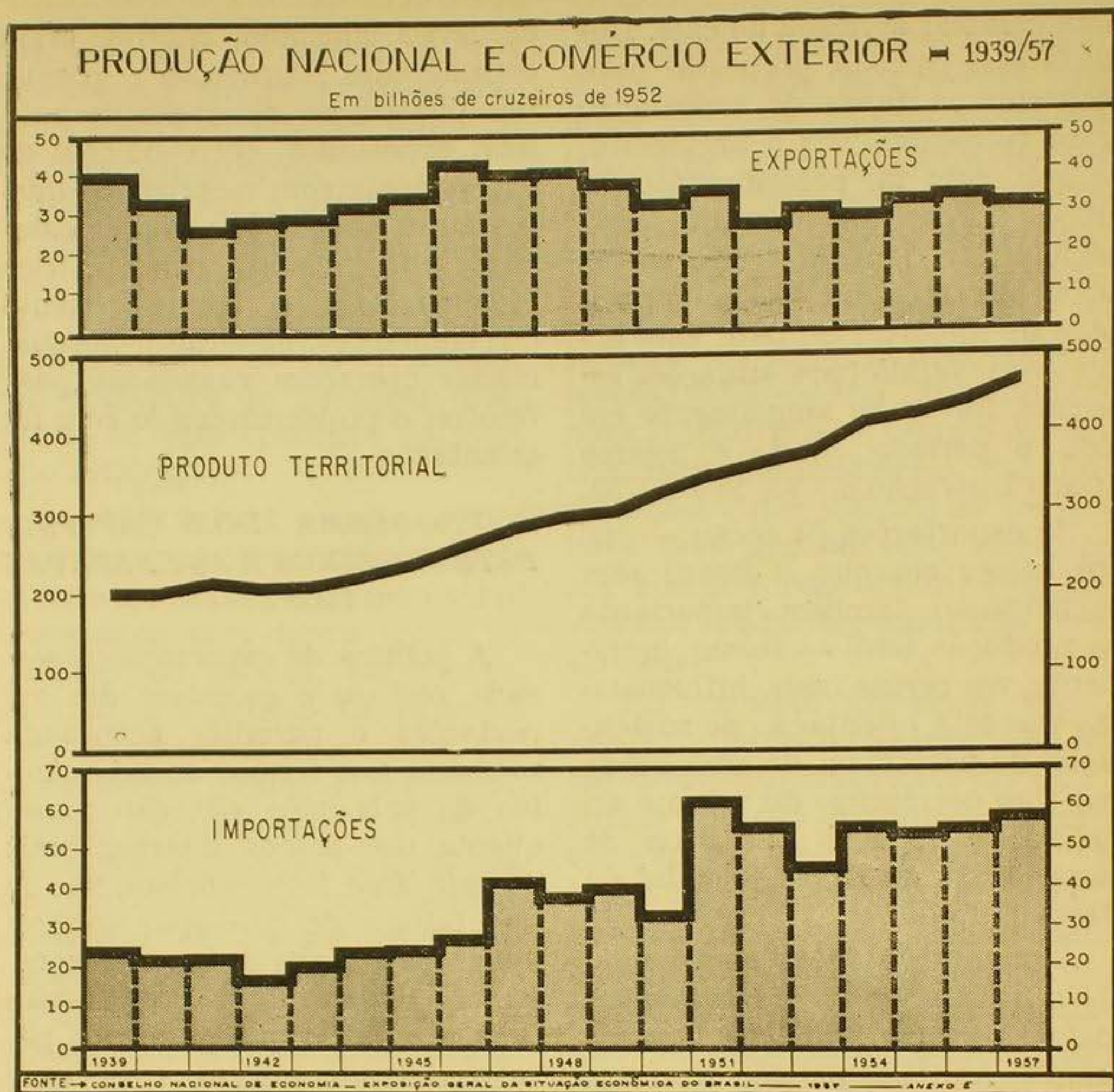
### III - PRODUTO REAL E VALOR EM DÓLARES DO COMÉRCIO EXTERIOR

Índice com base 1948 = 100

ANOS	PRODUTO REAL	VALOR EM DÓLARES DAS EXPORTAÇÕES		VALOR EM DÓLARES DAS IMPORTAÇÕES CIF		MÉDIAS ANUAIS	
		Índice	$\frac{b}{a} \times 100$	Índice	$\frac{d}{a} \times 100$	Das rela- ções da coluna(c)	Das rela- ções da coluna(e)
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)
1947.....	94,1	97,9	104,0	108,6	115,4	102,2	109,3
1948.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0		
1949.....	104,4	93,1	89,2	98,4	94,3		
1950.....	111,5	115,1	103,2	96,8	86,8		
1951.....	118,4	150,2	126,8	177,3	149,7		
1952.....	125,6	120,4	95,9	177,2	141,1	82,3	79,5
1953.....	128,7	131,5	102,2	107,5	83,5		
1954.....	138,8	133,5	96,2	144,1	103,8		
1955.....	144,5	121,6	84,2	115,3	79,8		
1956.....	149,0	126,7	85,0	108,8	73,0		
1957.....	153,4	119,0	77,6	131,3	85,6		

Fontes: Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas e S.E. E.F. do Ministério da Fazenda.





manter, por certo tempo, os preços em Nova York em torno de 27.0 cents por libra-pêso (26.4 cents-média de 1947; 26.8 cents-média de 1948; e 26.8 cents-média do período janeiro/junho de 1948 na Bôlsa de Nova York para o café Santos 4, em Nova York em bases FOB). No segundo semestre de 1949, todavia, os preços se adaptaram às novas condições da produção corrente e da procura, atingindo 49.6 cents em novembro, numa alta súbita precipitada pela situação da co-

lheita 1949-50 e pela redução dos estoques dos torrefadores e misturadores. Estabeleceu-se, então, uma situação do mercado do café, a qual, em virtude do longo período que decorre entre o plantio e o início da produção dos cafêzais, deveria manter-se por um período relativamente dilatado.

Após 1950, o ritmo inflacionário acelerou-se. A média do custo da vida no D. Federal, que fôra de 111 em 1950 (1948 = 100), atingiu 172 em 1953, continuando fixa a



taxa cambial aplicada ao café. Durante esse período, propostas para reajustar as taxas de exportação eram recusadas, sob o argumento de que, com tal procedimento, os preços do café no mercado internacional cairiam, afetando as relações de troca, ou seja, a capacidade de importar do país. Este argumento, válido para situações especiais, foi usado amplamente em todo o período citado e mesmo após a Instrução n.º 70, de 9/10/53.

As exportações de cacau — outro artigo em que o Brasil tem participação também importante na produção total — foram, igualmente, em certas fases, influenciadas por esta orientação de sustentação de preços em dólares, ainda que com decréscimo do volume exportado e redução paulatina da participação do Brasil no total da oferta mundial.

A orientação adotada com relação a esses produtos líderes da exportação influenciou a política dos demais. Aquêles que são de largo consumo interno (como o algodão, as carnes, o arroz, etc.) deixaram de ser exportados nas quantidades exigidas pelas necessidades de importar do Brasil, sob a alegação de que, face às quantidades produzidas e estreitamente dependentes das taxas de exportações a eles aplicadas, seu escoamento para o exterior iria perturbar o abastecimento interno. Como consequência, afirmava-se que somente deveria ser exportado o “excedente” do consumo interno.

Outros produtos, que não são

de largo consumo interno, eram considerados “gravosos”, porque não podiam ser colocados no país, nem exportados, em condições de equivalência com os produtos-líderes cujos preços em dólares estavam influenciados pela política brasileira. Daí o desenvolvimento das transações bilaterais e das chamadas operações vinculadas para resolver o problema criado com tal orientação.

### O PROBLEMA DOS CAPITAIS ESTRANGEIROS E AS RESERVAS CAMBIAIS

A política de exportação observada reduziu o *quantum* das exportações e permitiu acentuada melhoria nos termos de intercâmbio do país, pela elevação consequente dos preços internacionais do café. Esse fato permitiu, não só que fatores de produção antigos, aplicados às atividades de exportação, pudessem ser transferidos para atividades que produzem para o mercado interno (principalmente na indústria), bem como que o crescimento vegetativo da força de trabalho adicional e as poupanças líquidas da comunidade tivessem o mesmo destino.

A melhoria das relações de troca possibilitou ao país manter elevado ritmo de importações no decênio, principalmente a partir de 1949. Mas o crescimento da procura de importações, resultante da mencionada concentração de fatores de produção nas atividades que produzem para o mercado interno, e o aumento inflacionário da pro-



cura por bens de capitais e bens de consumo, suplantaram as disponibilidades de divisas propiciadas pelas exportações.

Não obstante o extremo rigor da política de importação, houve fases, como a que se seguiu ao conflito coreano no segundo semestre de 1950, em que ela foi afrouxada, com o objetivo de melhorar a situação do abastecimento do mercado interno.

Em 1951 e 1952, o valor em dólares das importações atingiu limites nunca ultrapassados nem antes desses anos, nem depois (cêrca de 2 bilhões de dólares, valor CIF). Em 1951, a expansão das exportações, decorrentes da procura aumentada de produtos primários, também foi grande, porém em nível menor que o da importação, mas em 1952 voltou praticamente ao normal, de vez que os demais países foram mais ativos do que nós ao aplicarem restrições de regularização, e houve relutância de nossos país em aceitar o movimento dos preços nesta fase. Dêsse fato, voltaram os atrasados comerciais, que alcançaram 611 milhões de dólares em tôdas as moedas (posição em dezembro de 1952), havendo uma redução das reservas cambiais de cêrca de 300 bilhões entre dezembro de 1950 e dezembro de 1952.

A crise cambial gerada por êstes eventos e o recrudesimento da pressão inflacionária interna em 1952 e 1953 obrigaram o governo a alterar a política de exportação, de importação e de capitais

estrangeiros. Inicialmente, através da Lei n.º 1 807, de 7/1/1953, que instituiu uma desvalorização de fato para certos produtos de exportação e criou um mercado financeiro livre, ao qual tinha acesso parte das cambiais de exportação. Com a Instrução n.º 70, a alteração foi mais radical, pois a pressão inflacionária existente tornava insuportável o regime da distribuição administrativa das importações cujos montantes em dólares deveriam ser reduzidos face aos compromissos financeiros assumidos para regularização dos atrasados.

Tal situação ameaçava interromper o curso do processo de desenvolvimento observado no quinquênio anterior. A política do café, baseada no temor de redução da capacidade de importar e em virtude da ausência de reservas cambiais, enrijeceu-se na defesa dos preços em dólares, do que resultaram os fatos mencionados anteriormente, com reflexos sôbre tôda a política de exportação.

Tentou-se, então, obter a manutenção do ritmo de importar pelo maior acesso ao uso de créditos a curto prazo junto a bancos comerciais no exterior, atração de investimentos diretos estrangeiros, obtenção de financiamento a prazo médio (supplier's credit) e outras a prazo longo junto a instituições especializadas, principalmente o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento e o Banco de Exportação dos Estados Unidos.



Essa política, contudo, somente dilatou no tempo o problema, de vez que os compromissos financeiros assumidos pelo Brasil devem guardar certa relação com o valor em dólares da exportação, e este não foi aumentado. Trouxe, no entanto, substancial contribuição à continuação do processo de investimento no período subsequente a 1953, em particular sob forma de entrada de bens de capital sem cobertura cambial, tanto por efeito de investimentos diretos, como por financiamentos a prazo médio (*supplier's credit*) e longo. Todavia, continuaram a pesar sobre o balanço de pagamentos as solicitações de divisas, não tanto para importações de bens de capital duráveis (que as entradas de capitais estrangeiros sem cobertura cambial em parte substituíram), mas para transferências de rendas de investimentos efetivamente registrados, amortização de empréstimos oficiais e particulares, bem como resgate de operações de regularização efetuada no passado para atender a deficits do balanço de pagamentos.

Além dessas solicitações "diretas" por divisas, tem havido outra procura, já agora nos leilões, que assume caráter rígido se o país desejar manter intacto o montante de capital construído durante o decênio. Referimo-nos às necessidades de reposição do equipamento industrial que se está desgastando ou se tornando obsoleto; estas necessidades são muito maiores no momento, quando o volume do ca-

pital à disposição da indústria nacional é bem superior ao existente no passado. Esse fato contribui para reduzir as divisas disponíveis para importação de equipamentos adicionais (para expansão das empresas existentes e para lançamento de novos empreendimentos por firmas constituídas com capitais nacionais) e para importações de bens de consumo, combustíveis e matérias-primas necessárias à manutenção do ritmo corrente do volume de produto real atingido pela atividade econômica interna.

### PERSPECTIVAS

Mesmo na hipótese otimista de que a tendência declinante das relações de troca seja interrompida pela assinatura de um acordo internacional que mantenha os níveis de preços atualmente em vigor para o café no mercado internacional, as dificuldades não serão inteiramente aplainadas a não ser que o país resolva seguir uma política agressiva de expansão do *quantum* das exportações e realize uma vigorosa política interna de estabilização econômica para frear o consumo inflacionário de bens importados e de consumo interno, permitindo a liberação de fatores para a produção de exportação.

Somente uma tal política permitirá ao Brasil continuar a expansão do seu estoque de capital fixo e ser suprido em quantidades necessárias de combustíveis e matérias-primas requeridos pelo processo de desenvolvimento industrial.